

Pesquisadora da Coppe desenvolve metodologia para gestão da longevidade nas empresas

A pesquisadora Márcia Tavares, do Programa de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ, desenvolveu, em sua tese de doutorado, uma metodologia inédita para gestão da longevidade nas empresas. Intitulada **“Um modelo de implementação da gestão da longevidade da força de trabalho para médias e grandes empresas”** a tese traz um modelo multidimensional para adequar as empresas à nova realidade demográfica, e uma reflexão pertinente sobre a maior longevidade dos profissionais.

O Brasil é um dos países que estão fazendo a transição demográfica mais rapidamente, de uma sociedade com predomínio de jovens, para uma sociedade com uma grande proporção de pessoas idosas, inclusive na força de trabalho. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea), metade da força de trabalho brasileira terá mais de 50 anos até 2040. A presença continuada de trabalhadores 60+ é uma tendência emergente e a maioria das empresas não está sendo bem-sucedida na gestão das capacidades desses profissionais.

O estudo de Márcia, orientado pela professora Carla Cipolla, do Programa de Engenharia de Produção da Coppe, não se limita, no entanto, a compreender os impactos do envelhecimento no mercado de trabalho. “Minha pesquisa tem o intuito de apoiar os gestores no desenvolvimento habilidades e ferramentas necessárias para lidar estrategicamente com esse novo perfil etário da força de trabalho, que é multigeracional, e que com a Reforma da Previdência, precisará incorporar um número crescente de profissionais idosos. O que proponho com a minha pesquisa é uma abordagem para os empregadores se tornarem *age-ready*”, explica a pesquisadora.

Márcia estudou a teoria disponível sobre o tema e o produto final de sua pesquisa é um modelo de gestão da longevidade para ser implementado em empresas de médio e grande porte, de maneira mais palatável, mais tangível. “Encapsulamos esse conhecimento em um passo a passo para ajudar as empresas a se tornarem *age-ready*. Empresas *age-ready* são aquelas que estão preparadas para otimizar a performance da sua força de trabalho, que é multigeracional, a partir da experiência e da potência dos trabalhadores 50+”, explica.

A metodologia criada pela aluna da Coppe, chamada GLOBASE7, é norteada por sete princípios: a inclusão da perspectiva da longevidade no nível estratégico e nos processos decisórios; mudança de mentalidade sobre a longevidade e busca pela inovação; promoção de trabalho digno e de equidade de oportunidades para trabalhadores idosos; valorização e aproveitamento das potencialidades os trabalhadores idosos; promoção da educação continuada; melhoria da empregabilidade das mulheres; e uso ético e inteligente dos dados da força de trabalho.

No mestrado, a pesquisadora já havia estudado as motivações de pessoas que continuavam no mercado de trabalho, mesmo estando aptas a se aposentarem. “O fator

mais recorrente foi a percepção dos aposentáveis de que a fase atual é a de maior proficiência técnica, então esses trabalhadores não viam motivos para se aposentar. Em segundo lugar, a questão financeira, sobretudo para conseguir pagar o plano de saúde da família”, cita Márcia, que ainda elencou outros fatores como: conservação do padrão de vida, a preservação das relações sociais (não perder os vínculos com colegas, clientes, fornecedores); sentimento de ser útil; o “vício” em trabalho; a satisfação e o bem-estar e a construção de legados na empresa/instituição.

Tendo ingressado no doutorado em 2014, a pesquisadora buscou compreender o olhar do gestor. “Há um déficit de conhecimento dos gestores sobre os desafios do envelhecimento da força de trabalho e de como gerenciá-los. Eles ainda não despertaram para o fato de que esse fenômeno demográfico está impactando trabalhadores de todas as faixas etárias, não apenas os 50+. Por este motivo, é necessária uma abordagem diferenciada de gestão, que esteja atenta aos fatores da longevidade que impactam a força de trabalho a curto, médio e longo prazos. Mas, esse ainda é um assunto embrionário no Brasil.”, avalia a fundadora e CEO da startup [WeAge](#).

“A Márcia tem essa interação forte no mercado e sociedade, e transformar o conhecimento acadêmico em um produto ou serviço é um desafio em todas as áreas, mas foi um desafio específico desta pesquisa fazer um modelo que possa ser operacionalizado como ferramenta acadêmica e tenha também respaldo acadêmico. Somos uma área de gestão e inovação. E a Márcia fez um modelo viável e robusto e com interesse social, como deve ser o objetivo da universidade pública”, elogia a professora Carla Cipolla.